

OITO OU NOVE (POSSÍVEIS) TAREFAS PARA A PSICOLOGIA NO COMBATE À FOME

Marcos R. Ferreira

Ana M. B. Bock

M. da Graça M. Gonçalves

Francisco J. M. Viana

Instituto Silvia Lane

Há décadas há quem se pergunte: como a Psicologia poderia contribuir para o combate à Fome¹? Porque é impressionante a escassez de atenção a esse tema na ciência e na profissão. Houve Fome secularmente no país, mas não atentamos a ela. Depois, ela foi praticamente eliminada no Brasil e não demos atenção a isso. Ela voltou a ressurgir nacionalmente e não houve movimento de algum significado na sua direção. Agora ela está voltando a ser debelada, mas parece que isso não nos interessa.

Um diálogo iniciado no final do século passado resultou na criação das Jornadas Psicologia e Fome, organizadas pelo Instituto Silvia Lane, nos anos de 2021 e 2022. As duas iniciativas partiram de duas constatações: 1) se uma máquina de produzir Fome, a sua principal matéria prima consiste nas subjetividades, ou nos processos de constituição das subjetividades; 2) Subjetividades não são dimensões etéreas da vida, podem ter concretude no mundo material. Elas transparecem nos dispositivos legais, na organização de instituições e coletivos e até no desenho urbano. No caso da organização das cidades, por exemplo, cabe perguntar: como pode uma rua conter tanta diferença entre modos de vida, como no caso de Paraisópolis e na divisa entre São Conrado e a Rocinha? Decorre dessas duas constatações a conclusão de que Fome seja um tema atinente à Psicologia.

¹ Nas quarenta e uma vezes em que a palavra Fome aparece neste artigo, pedimos ao leitor que compreenda que, em cada uma delas, estamos nos referindo a desigualdade social, na sua apresentação mais concreta, crua, vil e inadmissível.

Muitas organizações que reúnem psicólogas e psicólogos foram convidadas. Várias dessas organizações participaram desses momentos de debate e formação. Algumas delas declararam que o assunto era muito importante, mas não cabia na sua agenda. Quase nenhuma colocou o tema no seu programa de trabalho para o período subsequente a cada jornada.

O mesmo parece ter acontecido com profissionais que foram alcançadas e provocadas pelas conversas e jornadas. Com exceção de uma colega, que já estava interessada no tema antes da primeira jornada, praticamente não encontramos colegas que tenham inserido o tema em suas reflexões, pesquisas, ensino ou tarefas para alunos.

Pode ser que essa desatenção seja reflexo da dificuldade de compreender que coisas poderiam ser realizadas pela Psicologia ou pelas psicólogas, para enfrentar Fome. Então, segue aqui uma lista de sugestões de possíveis iniciativas que podem (espero que devam) ser incluídas nos planos estratégicos das organizações, nas práticas profissionais ou nos projetos de pesquisa. Para alguns itens já foram identificados alguns desenvolvimentos, outros se resumem a possíveis questões a serem postas como alvo de investigação e atenção.

- 1) Construir procedimentos que facilitem reconhecer, compreender, explicitar e denunciar formas de naturalização da ocorrência de Fome de seres humanos.

Há uma tentativa desse tipo de construção na proposta de atenção aos consensos na sociedade. Ela foi elaborada por psicólogos sociais na busca de uma forma de facilitar acesso, por parte de pessoas alheias à Psicologia, a aspectos da constituição das subjetividades (Ferreira e outros, 2022). Trata-se da concretização de um modo de perceber a organização das subjetividades, materializada em consensos nos quais nascemos e vivemos imersos. Trata-se de um modo de acessar as formas de naturalização da desigualdade social em sua principal e mais perversa materialização objetiva: Fome.

- 2) Construir conhecimento e propostas de iniciativas que visem a constituição de novos consensos, que tenham como foco central a inaceitabilidade de Fome.

Uma vez reconhecidas e denunciadas as formas de naturalização de Fome (por exemplo, com a utilização da ideia de consensos), o foco seria o estudo, ensaio, teste, de procedimentos voltados a produzir ojeriza em relação à existência de Fome em seres humanos. Uma ojeriza de tal magnitude que impulse as pessoas a atuarem imediata e persistentemente no sentido de eliminá-la.

Para além de colaborar na produção de regiões livres de Fome, a tarefa da Psicologia teria como objetivo a produção de bairros, cidades, regiões, países e planeta livres de consensos que admitem a existência de Fome em seres humanos.

- 3) Desconstruir consensos que apontam a ocorrência de Fome como resultado da inépcia governamental, assim como decorrência não pretendida de iniciativas do aparelho de estado.

É frequente encontrarmos falas que apontam a incompetência governamental como origem da presença de Fome na sociedade. A desconstrução desse consenso pode implicar em estabelecer formas de levar ao reconhecimento de que Fome consiste em um projeto político, planejado e executado de modo organizado. Existem verdadeiras máquinas de produzir Fome, quase como se fossem políticas públicas que visam sua instalação.

Trata-se de um esforço de rompimento com consensos perversos!

- 4) Construir formas de acessar, compreender e sistematizar conhecimento sobre a constituição das subjetividades e sujeitos que vivenciem ou tenham vivenciado Fome.

As questões a serem desvendadas seriam muitas e seriam buscadas de modos variados, segundo as perspectivas de quem aceite o desafio desses estudos. Por exemplo: como as pessoas que vivenciam Fome explicam sua situação? Ou, que sentimentos acompanham a vivência de Fome? Como se diferenciam os sentimentos vividos nos diferentes níveis de insegurança alimentar?

Talvez a mais instigante questão seja: como pessoas privadas de acesso a alimentos podem desenvolver uma percepção de ter o direito fundamental como sujeito de

direitos? Esse direito fundamental consiste no direito de ter e de expandir seus direitos;

- 5) Construir conhecimento sobre a constituição das subjetividades e sujeitos que têm sua vida dedicada a combater Fome.

Na busca da construção de consensos que incluam ojeriza a Fome, valerá o esforço para compreender os processos de constituição das subjetividades de sujeitos que já estão empenhados no combate à Fome. Esse estudo poderá ser fonte de informação relevantes na construção de procedimentos para a produção de novos atores comprometidos com essa luta. Como compreendem Fome? Que motivos reconhecem para sua dedicação a essa luta? Que resultados consideram importantes de serem alcançados?

- 6) Construir conhecimento sobre como se organizam as subjetividades de pessoas que sabem (e convivem com a informação de) que há gente com Fome?

Como as pessoas que não têm vínculo com esse tema lidam com a informação da existência de Fome em humanos? Qual o impacto da proximidade com pessoas privadas de alimentos sobre a forma como pensam, percebem, explicam a Fome? Compreendem que a aceitação de Fome acontece sempre em relação à vivência de outras pessoas? Que tipo de explicação têm sobre a aceitação de que outros vivenciem Fome? Percebem que há seres humanos que vivem Fome?

- 7) Construir conhecimento sobre a constituição de comunidades de pessoas que vivenciam Fome

É reconhecido que Fome atinge comunidades inteiras. Compreender o impacto desse flagelo sobre a organização de comunidades será importante no reconhecimento da estrutura dos consensos existentes, assim como na construção de novos consensos fundamentados na inadmissibilidade da vivência de Fome por seres humanos. Quais consequências a falta de acesso a alimentos tem na constituição das comunidades? Como Fome se apresenta e representa nas comunidades onde ocorre falta de acesso a alimento?

- 8) Construir propostas de procedimentos para a organização de coletivos que reúnam e expressem a voz das pessoas que vivenciam Fome.

As pessoas que vivenciam Fome não têm voz no espaço social. Contam com atores capazes de referir suas necessidades, mas nunca têm voz própria. Sua situação é sempre descrita e comentada por outrem e sua fala só aparece editada para ilustrar alguma matéria na radiodifusão e textos jornalísticos ou acadêmicos.

Esse padrão da radiodifusão nacional se repete em múltiplas situações e parece sempre atender à narrativa das empresas de comunicação. Foi assim, por exemplo, quando um milhão de pessoas foram às ruas e só os jornalistas tinham acesso ao microfone. Corre-se o risco de o mesmo tipo de manipulação de informação que aconteceu em 2013, que transformou a presidenta em alvo das manifestações, acontecer com o tema Fome. Milhões de pessoas vivenciam Fome, mas nenhuma delas poderá ser conhecida ou ouvida através dos meios de comunicação.

De algum modo, os meios conseguem apresentar imagens de pessoas atacando um caminhão de ossos, sem dar voz aos seres humanos retratados e seguir a sua apresentação como se essa fosse uma notícia dentre outras.

Grupos humanos que não se organizam para estabelecer coletivos capazes de expressão, não conseguem colocar na pauta social os seus sofrimentos e interesses. A Psicologia é carregada de ferramentas que ajudam coletivos a se organizar e pode oferecer apoio fundamental à organização e uso dos espaços de expressão para fazer com que a sociedade passe a reconhecer suas reivindicações.

Seguramente, outras possibilidades de contribuição da Psicologia para a construção de iniciativas que inviabilizem a aceitação de Fome em seres humanos terão surgido durante a leitura deste texto. Qual seria a nona contribuição? A tarefa de definir questões e buscar respostas é de cada profissional, pesquisador, professor e estudante. Se quiser contar qual seria o seu nono enfoque, manda notícias. Logo em seguida este texto será republicado com a inclusão da sua contribuição e ganhará mais um autor.

Referências

Ferreira e outros, 2022